A COMUNICAÇÃO MEDIADA PELO COMPUTADOR: DIFERENTES FORMAS DE CONTATO E APRENDIZAGEM.

Pedro Polesel Filho

A Internet vem se apresentando como uma ferramenta muito útil para o ensino, principalmente por colocar o aluno diretamente em uma situação real de interação. A globalização das comunicações e o acesso à informática tem criado uma idéia de 'mundo sem fronteiras' em que a ordem do dia é a de se comunicar com qualquer parte do mundo, a qualquer hora.

Temos aí, uma comunicação mediada, uma vez que a presença do computador funciona como uma ponte entre os interlocutores. Podemos colocar ainda o problema do código, neste caso o da língua inglesa, que media a maior parte dos diálogos realizados na rede. Há, neste processo, uma grande quantidade de ruído, devido as lacunas de conhecimento do idioma, mas que viabiliza uma comunicação até então impossível. Essa comunicação pode ser feita em tempo real, em uma sala de bate papo (modo síncrono) ou através de consulta a sites e correio eletrônico (modo assíncrono), com uma grande troca de informações. O modo assíncrono, por ser acessado independente do tempo entre receptor e fonte, é o modo mais usado na Internet.

A educação presencial, portanto, passa a ser repensada e, analisa-se as possíveis implicações que a introdução de novas mídias tem e poderão causar na relação aluno-professor.

A sobrevivência das escolas deve-se ao fato da sua rápida adaptação às novas mudanças e exigências do mercado. Torna-se praticamente impossível pensar em uma escola, na atualidade, que não esteja preocupada com os novos hábitos de seus alunos, procurando assimilar ou incorporar as novas tendências ao ambiente escolar.

"Neste novo ambiente a sociedade e o mercado de trabalho buscam novas habilidades tais como: a integração de tarefas, a cooperação e trabalho em equipe, a iniciativa, a comunicação globalizada, bem como o raciocínio e a capacidade resolver problemas e acrescentar resultados. Como consequência, a escola vem sofrendo grande pressão para adequar-se a estes novos paradigmas, de modo a formar indivíduos preparados para enfrentar

uma realidade muito diferente daquela para a qual nós, professores, fomos preparados." (Fernandes, 1999, p. 77)

Daí ocorre a dificuldade, para a grande maioria dos professores, de estarem atualizados e 'sintonizados' com seus alunos e com as exigências do trabalho. Lecionar não é apenas ter conhecimento da língua e da didática de ensino, mas também estar a par das realidades de seus alunos e suprir suas necessidades. "É papel do professor, portanto, guiar o aluno, para que ele possa ter êxito no seu trabalho." (Fernandes, 1999, p.81).

Dessa forma, deveríamos buscar informações que nos orientassem na pesquisa e adequação aos novos paradigmas do ensino e da comunicação em sala de aula, sob a ótica da utilização da Web como ferramenta de aprendizado e troca de informações.

O contato com a escola

A 'Escola do Futuro' já está sendo feita aqui e agora.

Os professores são 'convidados' a se adaptarem a uma nova realidade: o uso da Internet. Mas como tirar o melhor desta nova forma de ensino? De que maneira utilizá-la? Como transformá-la em um mecanismo útil e viável para o ensino comunicativo? A provável pergunta que passa pela cabeça de um professor, quando lhe é dito que deverá utilizar-se da Internet com os seus alunos, deve ser, "o que é que eu faço agora?" Pelo menos foi o que aconteceu comigo, quando a direção da escola na qual eu trabalho nos informou que, a partir daquele semestre, estaria implantando alguns micros na escola e que deveríamos desenvolver atividades com os alunos. Note-se que sem material de apoio, sem treinamento, sem maiores informações. Resultado: um fiasco. Alguns professores simplesmente ignoraram, outros passaram a usar como entretenimento e correio eletrônico (e-mail) e uns poucos se aventuraram a realizar alguns trabalhos isolados. Chega a ser frustante ver uma gama de informações, conhecimentos e possibilidades, tão mal conduzidos e aplicados. "Sabe lá o que é não ter e ter que ter pra dar [...] Sabe lá o que é morrer de sede em frente ao mar?"(Djavan – Esquinas).

Encontrar uma aplicação adequada passa a ser não um capricho, mas uma necessidade real, uma vez que este caminho não tem volta, pois é cada vez mais comum a inserção das tecnologias na nossa vida diária. Dentro das perspectivas e projeções futuras de ensino, cumpre-nos descobrir dentre as possíveis escolhas, qual a melhor a seguir.

Por que este assunto é tão importante a área de comunicação? Porque a comunicação mediada pelo computador possui diferentes funções (entretenimento, comércio, informação). É usada nas comunicações interpessoais, como meio de comunicação de massa, como suporte para fóruns e grupos de discussão, alcançando as mais variadas aplicações. A comunicação na Web pode ser feita:

. em um único sentido (ao acessar uma página);

. de um indivíduo para outro;

. de um indivíduo para um grupo de pessoas;

. de um grupo para um indivíduo.

Essa comunicação possui ainda outros signos (emoticons), outras formas de etiqueta e comportamento.

Uma das tendências do mercado é a fusão da TV com a Internet. Redes de TV a cabo já estão ampliando os seus negócios e oferecem também Internet a cabo. Dentro da Internet já são oferecidas, entre outros, jornais, rádios e revistas, que são meios de comunicação.

Projeta-se a Internet como a grande fusão dos meios de comunicação de massa em um único veículo. O computador passa a ser o mediador dos diálogos entre as pessoas, o mediador entre emissor e receptor. O aluno é, também, um consumidor desses meios e a sua forma de interagir também recebe essa influência. Desta forma, as relações entre professor e alunos passam a ser repensadas. Um dos papéis do professor é diminuir o ruído na comunicação e facilitar a interação entre os interlocutores. Como exemplo, uma das metodologias empregadas para o ensino da língua inglesa em uso, é o 'Communicative Learning Teaching', que se baseia no princípio de que o fundamental para o aluno é se comunicar.

"O ensino de LE (línguas estrangeiras) também evoluiu e, com base em teorias de aprendizagem e em teorias liguísticas, a abordagem comunicativa vem defender <the 'use' of language rather than 'usage'>. Nesta abordagem, o aluno aprende a ver o significado social

das estruturas gramaticais, *o que significa a elaboração de tarefas centradas na resolução de um problema comunicativo*."(Norte, 1999, p.88. Grifo nosso)

Navegar na Internet é aparentemente muito simples. Basta um micro, uma linha telefônica e um servidor. Dentro da rede, escolher um site de interesse e pronto! O primeiro problema é encontrar o site mais adequado às suas necessidades. Segundo, perde-se muito tempo pesquisando as páginas de interesse. Um dos riscos neste processo é a dispersão, em que você literalmente se afoga nas informações e, terceiro , os resultados nem sempre são os esperados. Os alunos acabam entrando em sites do seu próprio idioma e acabam fugindo do objetivo proposto. Relatos de algumas experiências indicam que nem tudo está perdido. A riqueza das interações e informações é um dado muito significativo.

Para o professor, o uso da Internet vem facilitar o ensino através da facilidade em conseguir informações. Quantos professores como eu, perdiam muito tempo tentando encontrar a letra de uma música no encarte de um CD, nas publicações especializadas e quase sempre sem nenhum resultado positivo? Conseguir um bom artigo escrito por um falante nativo, só era possível através da assinatura de jornais e revistas estrangeiras, o que restringia a diversidade de temas/assuntos, sem falar da sua atualização.

Com os sites de busca, este trabalho ficou muito mais fácil. Em questão de minutos, pode-se encontrar as informações desejadas. As discussões em aula ficam diferenciadas, se o professor se dispuser a perder algum tempo em frente ao micro buscando informações.

Encontrar as referências sobre o tema a ser explorado em sala de aula, ou aquela informação específica que você sabe deve estar em algum livro que já leu, não são mais um drama a ser resolvido.

Entretanto, como filtrar essas informações?

"It is not the quantity or even the quality of the source material available to language teachers which will determine the value of the Internet within language learning. As elsewhere, it is how they exploit that material, integrating the best features of the Internet´s growing potential into a sound pedagogical framework which will make the difference." (Conacher, 1998, p.41)

("Não é a quantidade ou mesmo a qualidade da fonte de materiais disponíveis para professores de idiomas que determinará o valor da Internet no ensino de idiomas. Como em

qualquer outro lugar, é como eles exploram este material, integrando as melhores características do potencial de crescimento da Internet em uma forte estrutura pedagógica, que irá fazer a diferença.")

O papel do professor nesse aspecto se diferencia, uma vez que ele passa a orientar, conduzir o aluno no processo de aprendizagem. Vários são os métodos de ensino que se apresentam: CALL – Computer Aided Language Learning, Resource-based learning, TBL – Task Based Learning. Dentro do TBL, o aluno é incentivado a encontrar o conhecimento por seus próprios esforços, amparado pelo professor/facilitador, que apresenta aspectos da língua. Ora, dentro da Internet, como recortar as informações de maneira que possam ser utilizadas pelos alunos? Quais os parâmetros a serem adotados? Se o papel do professor for filtrar os canais, selecionar páginas, avaliar conteúdos, disponibilizar os possíveis acessos, formular exercícios, controlar o tempo de uso, motivar e avaliar resultados, que caminho percorrer?

"We are in danger of forcing the Internet into becoming a passive learning technology. Instructors are presenting more and more traditional educational material on the Internet, with little consideration of the Internet´s many unique features. Some of the active learning potential of the Internet has already been discovered – anyone who has participated in a global computer conference or who has engaged in an e-mail discussion with colleagues on the other side of the world will know that it provides opportunities for active communication and collaboration not available presently at reasonable cost with any other technology." (Doherty, 1998, p. 61)

("Nós corremos o risco de forçar a Internet a se transformar em uma tecnologia de aprendizagem passiva. Instrutores estão apresentando mais e mais materiais educacionais tradicionais na Internet, com pouco consideração das muitas características únicas da Internet. Alguns dos potenciais de aprendizagem ativa da Internet já foram descobertas – qualquer um que tenha participado em uma conferência global via computador ou que tenha se engajado em uma lista de discussão por e-mail com colegas do outro lado do mundo, saberá que isso

propicia oportunidades para a colaboração e comunicação ativas, atualmente não disponíveis a um custo razoável, em qualquer outra tecnologia.")

O grande desafio passa a ser não apenas "o que" encontrar na rede, mas "como" lidar essas informações.

Outro problema abordado se refere a linguagem usada na Internet e a linguagem padrão. Ao se escrever uma carta, por exemplo, o falante da lingua inglesa, pode escrever 'I love you' ou 'Where are you from?' que na linguagem usada na Internet pode se transformar assim: 'i love u' e 'where r u from?', por ser mais rápida e fácil de digitar. Outro aspecto refere-se ao respeito as normas de construções gramaticais. As implicações e discussões são óbvias – é valido este tipo de comunicação? Segundo as atuais metodologias comunicativas, sim. De acordo com as anteriores, não.

"In ten years' time non-native users of English will have outnumbered native users. Our common goal should be intelligibility (i.e. the ability to understand one another) rather than a continuos search for the perfect English. Native and non-native speakers alike will have to collaborate and meet somewhere among their multiple Englishes if they wish to continue communicating." (Friedrich, 2000, p.31)

("Em dez anos, os falantes não-nativos da língua inglesa, irão superar o número de falantes nativos. A nossa meta comum deveria ser inteligibilidade (ou seja, a habilidade de compreender um ao outro) do que a contínua busca do inglês perfeito. Falantes nativos e não-nativos igualmente terão que colaborar e se encontrarem em algum lugar entre seus múltiplos tipos de inglês, se quiserem continuar a se comunicar.")

A discussão teórica pode levar a exaustivas argumentações. Entretanto, o interesse imediato enquanto pesquisador, é encontrar a maneira mais viável de comunicação entre os interlocutores e o mundo que se descortina com a Internet.

Para Levy (2000), a aventura humana que se inicia com a reconexão da humanidade em um só grupo social e a revolução contemporânea das comunicações, abre amplas discussões sobre os relacionamentos humanos.

"Um computador é um instrumento de troca, de produção e de estocagem de informações. Ao canalizar e entrelaçar múltiplos fluxos, torna-se um centro virtual, instrumento de poder."(p.203)

O autor nos instiga a uma interessante pergunta sobre a exclusão social: dotar todas as pessoas com acesso a rede, eliminaria de imediato a sua exclusão neste processo? Aparentemente não, uma vez que as pessoas ainda não teriam formação para navegar livremente e competentemente pela rede.

"O domínio dessas tecnologias intelectuais dá uma vantagem considerável aos grupos e aos contextos humanos que as utilizam de maneira adequada. Ocorre, além disso, o favorecimento do desenvolvimento e da manutenção de processos de inteligência coletiva, posto que, ao exteriorizar uma parte das nossas operações cognitivas, as tecnologias intelectuais digitais as tornam, em ampla medida, públicas e disponíveis."(p.204)

O que está em jogo, não é apenas se comunicar na Web, mas tirar o melhor proveito desse instrumento de comunicação.

O contato com a universidade

O que pode acontecer se abrirmos um canal alternativo para diálogo com os alunos universitários? Tradicionalmente o relacionamento que o professor universitário tem com os seus alunos é durante a aula, expondo e discutindo idéias. Em outros momentos, como início/final das aulas e intervalos, os alunos também tiram dúvidas e conversam com seus professores. Há escolas que estabelecem horários de atendimento aos alunos. Quando surge

alguma situação mais emergencial para solucionar algum problema acadêmico, o professor pode até passar seu telefone ou endereço, para facilitar a comunicação e estar mais próximo a seus alunos.

Por outro lado, a internet pode abrir uma outra alternativa, nem sempre explorada, para incentivar a comunicação interpessoal: o e-mail.

Ao iniciar o trabalho em uma nova instituição de ensino, procurei abrir um canal de informações sobre a Internet, extendendo as informações recebidas para os alunos que estivessem interessados sobre a Web.

O resultado entretanto, foi muito mais abrangente e diversificado do que eu imaginava.

A proposta era colocar o meu e-mail como um pólo ou fonte irradiadora de informações, em que eu apenas encaminharia as informações que recebo. Assim, pedi aos alunos que tivessem interesse em estar recebendo estas informações que colocassem os seus e-mails em uma lista para contato.

Inicialmente, foi exatamente isso que aconteceu. Porém, talvez motivados pela informalidade e a interatividade da rede, a Internet possibilitou algo mais: os alunos se sentiram a vontade para enviar mensagens (com assuntos diferentes ao tema proposto), pediram opiniões sobre trabalhos acadêmicos (que estavam sendo desenvolvidos em outras disciplinas), solicitaram bibliografias e materiais de pesquisa, enviaram cartões, piadas, poesias, comentaram informações recebidas, pediram informações para serem usadas em outros trabalhos acadêmicos, tiraram dúvidas sobre datas de provas e matéria a ser estudada. Começamos realmente a interagir.

Podemos considerar que tudo isso poderia ter acontecido, independentemente do uso de e-mail, podemos argumentar que tenha sido um grande facilitador neste processo, uma vez que o aluno economizou tempo (e também gastos). Se procedesse de outra maneira, teria que esperar o intervalo de uma semana, entre um dia de aula e outro, ou teria que utilizar dos serviços do correio (o que levaria muito mais tempo), para receber e enviar mensagens.

Abrem-se também, outras discussões a respeito da acessibilidade ao professor e a validade/legitimidade da sua ação fora do ambiente escolar. O professor tem/deve estar disponível para atendimento aos alunos fora dos dias e horários programados? Findo o semestre, encerra-se a lista de contatos? Quais os limites da interação professor-aluno?

Podemos fugir da especificidade da disciplina ministrada? Voltamos a época da Grécia Antiga, em que os professores caminhavam com grupo de alunos, preocupados em transmitir-lhes conhecimentos, mas também, preocupados com sua formação?

Considerações

Muitos são os questionamentos levantados quando se introduz o computador no ambiente escolar. Historicamente, o mesmo aconteceu com a televisão e o vídeo cassete, que ainda hoje promovem apaixonados debates.

Vimos como a Internet potencionaliza a comunicação entre os seus usuários e como as relações entre eles se diversificam e ficam mais complexas.

A Internet proporciona um vasto oceano para aqueles que buscam ampliar o conhecimento.

"As pessoas que povoam e nutrem o ciberespaço constituem sua principal riqueza. O acesso à informação importa sem dúvida menos do que a comunicação com os especialistas, os atores, os testemunhos diretos das pessoas que nos interessam. Oras, o ciberespaço permite, cada dia mais facilmente, encontrar pessoas a partir de seus endereços no espaço das competências e dos temas de interesse. Por outro lado, a imersão em comunidades abertas de pesquisa, de prática e de debate, imuniza de forma mais segura que qualquer outro antídoto contra o dogmatismo e a manipulação unilateral da informação." (Lévy, 1999, p.240)

Lancemos nossas redes!

Referências

CONACHER, Jean E. & ROYALL, Frédéric (1998). An evaluation of the use of the Internet for the purposes of foreign language learning. *Language Learning Journal*, n. 18, p.37-41.

DOHERTY, Andrew (1998). The Internet: destined to become a passive surfing technology? *Educational Technology*, v.38, n. 6, p. 61 – 63.

FERNANDES, Andréa Lara de Moura (1999). O papel do professor e o processo de inserção de tecnologia na sala de aula. *Contexturas: ensino crítico de língua inglesa*, p.77-85.

FRIEDRICH, Patricia M. (2000). Linguistic imperialism and the classroom: what can English teachers do? *New Routes*, n. 10, July 10, p. 30 – 31.

LÉVY, Pierre (2000). A revolução contemporânea em matéria de comunicação. In: MARTINS, Francisco Menezes e SILVA, Juremir Machado da (org.). *Para navegar no século XXI*. Porto Alegre, Sulina/Edipucrs.

_____ (1999). *Cibercultura.* São Paulo: Ed. 34.

NORTE, Mariangela Braga (1999). A informática e o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras em um mesmo 'site'. *Contexturas: ensino crítico de língua inglesa*, p.87-96.